Ano I — Numero avulso 5 centavos (50 réis) — N.º 18

O AZEITONENSE

Orgão independente defensor dos interesses de Azeitão e arredores

PROPRIEDADE da Empreza AZEITONENSE
Redacção e Administração
Rua da Procissão, 45, 1.º dir. — LISBOA

Toda a correspondencia deve ser remettida para a Rua da Procissão, 45, 1.º, dir. ou para Frederico Valido—Vila Nogueira — Azeitão — Lisboa

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Não se restituem originais embora não publicados
Não se aceitam comunicações anonimas

EDITOR E GERENTE
Vicente Faria de Bettencourt

ADMINISTRADOR
Manuel Faria de Betencourt

Composição e impressão
Tip. Henrique Torres—R. de S. Bento, 279 —LISBOA

DIRECTOR
Gastão Faria de Betencourt

Domingo, 30 de Novembro de 1919

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS
Trimestre $60 (600 réis)
Semestre $80 (800 réis)
Ano $00 (1$000 réis)
Pagamento adiantado

PREÇOS DOS ANUNCIOS POR LINHA
1.ª Pagina $60 (600 réis)
2.ª e 3.ª Paginas $40 (400 réis)
4.ª Pagina $10 (100 réis)

Demolindo!

E' talvez um pouco sensibilisado pela leitura do artigo da Ex.ma Snr.ª D. Placida Osorio que vou abordar o mesmo assumpto, tão bem traçado n'esse artigo onde se abriga um doloroso adeus repassado de imensa nostalgia ás pobres arvores do Rocio.

E' d'elas que lhes vou falar, com egual saudade, com o mesmo afecto e sobretudo com uma revolta intima pelo acto de vandalismo que se praticou derrubando-as.

Não me fui despedir d'elas é certo, obedecendo a essa verdade imensa que existe em dois versos d'essa popular quadra que tão bem traduz o sentimento angustioso d'uma despedida:

«Quem parte saudades leva...
«Quem fica, saudades tem.

Não. Preferi não assistir á sua tortura, ao arrancar impiedoso das suas velhas raizes, para que um desespero ardente ou mesmo uma lagrima sentida, me não atraiçoasse n'esse derradeiro adeus, perante os seus inconscientes verdugos.

No entanto não deixo de lhes reservar n'um canto da minha memoria, um sentimento de afecto, uma saudade vehemente que me recorda com pezar sincero a desventura de 36 arvores barbaramente arrancadas dessa praça formosissima, tão admirada pelos extrangeiros e tão pouco apreciada por alguns portuguezes.

E' a suprema fatalidade do Destino — a mão do homem semeando para depois demolir, sem respeito pelo passado e... sem se lembrarem que, defendendo as arvores, se creou uma sociedade protectora que usa por divisa, em letra bem legivel o nobre distico: «Semeia-a e defende-a!»

Quando pela praça de D. Pedro IV, passava algum cortejo, eram elas que, parecendo desafiar o rapazio, lhes serviam de tribuna, amparando-o com os seus braços protectores, sem um queixume sequer quando ainda ali, n'uma lucta fraticida, o povo se lançava no auge das revoluções, por vezes sob um chuveiro de metralha vindo da parte alta da cidade, eram elas que tambem como heroes, permaneciam no seu posto, segredando talvez no debil bulir das suas folhas a sua descrença na pôdre e velha humanidade. Então o seu aspecto triste e glacial impunha estima ao viandante que procurava por vezes acultar-se com o seu tronco protector para não cahir varado por bala disparada inconscientemente.

Era ainda na tradicional vespera de Santo Antonio, que sob as suas copas por vezes iluminadas pelo clarão avermelhado d'um balão veneziano, se organisavam bailados e descantes populares, em que elas pareciam tomar parte contribuindo com a sua parcela de alegria e sorrindo talvez com ironia, n'um sorrir acariciadôr, d'essa bonhomia do povo da nossa terra que esquece n'uma festa, n'um dedilhar d'um fado á guitarra, o maior agravo que tenha recebido momentos antes e pelo qual tenha sacrificado os seus interesses arriscando a propria vida.

Pensou-se em demolir o historico Arco de Santo André, e sem hesitar, sem consultar as tradições a que ele estava ligado, demoliu-se, na mesma febre demolidôra, com o mesmo espirito de destruição com que indiferentemente se derrubaram ha pouco essas formosas arvores.

E porquê?

Porque o nosso fraco, triste é dizel'o, é assistir a uma tourada, ou dedicar todo o nosso esforço a qualquer lucta politica, seguindo homens e não ideias, e o nosso forte, a destruição, o desinteresse absoluto por tudo quanto é nosso e a demolição, sempre a demolição selvagem mesmo, do que temos de mais belo na nossa Patria.

O Rocio, tal como éra, na opinião de «alguem», representava um enorme obstaculo á civilisação, e sobretudo áqueles que n'um apregoado «modernizar» da cidade assistem indiferentes ao demolir d'uma construção pombalina para no seu logar levantar um edificio de construção rachitica e architectura «abonecada», n'uma mistura de estylos «dórico» e «corinthio».

Será este o embelezamento d'uma capital? Derrubar o belo para construir o mau?

E depois, esses edificios que ultimamente se teem construido, de aparencia verdadeiramente magestosa, não são destinados a moradias proprias, museus d'arte ou a escolas, onde se ministre a instrução, isto é edificando, n'uma missão educadôra, um caracter nobre, pelo estudo e pelo trabalho! Não. Esses edificios são destinados a clubs a que põem nomes extrangeiros e onde se ensina a jogar, deturpando virtudes, desafiando os espiritos mais fracos a lá entrarem e a buscarem n'esse maldito vicio o espirito aventureiro e a preversidade dos seus instinctos, demolindo a honestidade e a saude.

Sempre a demolição.

A esses antros não chegam, mercê das caras tapeçarias que atabafam os passos da vaidade humana, as suplicas d'uma infeliz qualquer, que, sem agasalho, sem conforto, tiritando, ás inclemencias do tempo, com fome e com uma infezada creança nos braços, estende a descarnada mão a quem n'um rasgo de loucura ali vae perder o suficiente para mitigar por largo tempo a fome a tanto infeliz.

E assim, arriscando a bolsa, a saude e por vezes a honra, atraido pela ambição fatal, aquele que ao transpôr o limiar d'uma casa d'essas é abordado por uma creatura que pelo seu parco alimento abriga a tuberculose, ou pela sua avançada edade já não pode trabalhar, edificando com o seu esforço e com o seu trabalho o seu bem estar perante a sociedade, repete-o com indiferença, alheio ás suas suplicas, ou diz-lhe com petulancia: Vá trabalhar!

E' este o demolir dos sãos principios da humanidade e o edificar terrivel dos maus principios.

Lembro-me ainda como se fosse hoje. Teria eu talvez uns 5 ou 6 anos. A casa de meus paes foi visitar-nos umas senhoras que por sympatia para comigo ou ainda por amabilidade me presentearam com enorme cavalo de pasta, que teria custado o suficiente para suavisar decerto a situação de uma creança da minha edade, que não tivesse nascido n'um berço de rendas como eu.

Mal vi o cavalo, apoderei-me d'ele, como louco, rindo-me do seu rodar aspero pelo chão, falando-lhe como se ele me comprehendesse, e assim o levei para o quintal, emquanto minha mãe recebia as visitas, agradecendo-lhes a sua gentileza.

Sendo eu portuguez, amando a minha Patria acima de tudo, e não sendo d'esses que ao sentir os seus interesses afectados se lamentam de terem nascido n'esta terra, amaldiçoando-a, como se Ela, tão linda, tão encantadora, d'um tão glorioso Passado e de tão lindas mulheres, tenha culpa dos erros cometidos por alguns dos seus filhos; não quiz desmentir mesmo em creança a minha vocação demolidôra, e após uma rapida analyse á «victima» que me cahiu nas mãos, passou-me como um relampago pela ideia improvisar um talho, sendo eu cortador.

Calculem porém o desapontamento d'essas «generosas» visitas ao virem ao quintal apresentarem as suas despedidas a esta interessante creança (sim, porque eu n'esse tempo era interessante), e depararem comigo por detraz d'um balcão improvisado por dois bancos e uma tabua de ensaboar, arvorado em cortador apresentando-lhes uma perna decepada d'esse cavalo que não lhes havia de custar barato.

Riram-se, acharam graça, e emquanto minha mãe altamente vexada pela minha diabrura lhes apresentava as suas desculpas, elas n'um riso amarelo comentavam: «são creanças!»

Certamente na escada não deixaram de comentar a seu modo a minha proeza de demolidor, emquanto minha mãe aplicando-me um justo «açoite» assim demolia os meus instinctos de destruição.

Abençoada demolidôra!

25-11-919.

A. Victor Machado.

Henrique de Bettencourt

As noticias dolorosas, quando inesperadas, impellem-nos sempre para a incerteza cruel, para a duvida terrivel. Antes que o nosso espirito se habitue á nova triste, a alma nega-se a crêr na crueldade do destino.

E isso succede sempre que não estamos identificados com a fé, com a certeza de que a vida terrena é transitória e por consequencia fogaz e passageira.

4-Folhetim do «Azeitonense» 30 de Novembro de 1919

João Rosa

NOTAS DE UM «REPORTER»

Um «pic-nic» na Buraca

Diga-se, em abono da verdade, que o sr. de Andrada se desempenhou com uma certa linha de *diseur* consumado, ou *conteur*, como dizia a Tilde.

— Silêncio gritava, o Apolinário.

— *Meus* — dizia o de Andrada, com uma certa graciosidade de acento no *u* — e continuou:

«Dona Amância... *bela canja*
com miúdos triturados
dar se digna para a manja
de todos os convidados.
As manas Apolina fa,
de interessantes *silhuettes*
dão um mimo culinário
de bacalhau em croquettes
As Vicentes, essas, dão
o que sabem mais agrada
ao povo desta nação —
que é o *belo peixe espada*.
Dona Tilde se abalança
a provar ao mundo inteiro
que nada regala a pança
como *perna de carneiro*
competentemente *assada*,
com batatas, á fartura.
As Costas dão a *salada*
de legumes em mistura.
As Pires ajudam á missa
co'a *pinguinha superior*
que cedeu o sió Caliça,
velho amigo, por favor.
São as frutas do *pomar*
da propria Quinta;
é-me grato constatar
gentileza tão distinta!
Especialistas em manjares
sempre de geral agrado,
as Costas e Aguiares
completam a sobremesa
com *pasteis de bom bocado*
á antiga portugueza!

— Muito bem — disse o sr. Apolinário; vê-se que é patriota. Talvez se dispensasse essa coisa da missa...

— Conveniencias de rima — desculpou-se o sr. de Andrada.

— ...Mas, emfim, eu sempre fui respeitador das convicções alheias.

— Muito bem, muito bem — secundaram os outros convivas.

De Andrada fizera acompanhar a leitura de um movimento de cabeça e d'um leve esbôço de sorriso dirigido ás

— Meus, — dizia o de Andrada, com uma certa graciosidade de acento no u...

pessoas que nomeava e que, por sua vez, era correspondido com outro sorriso de assentimento que, por parte da Gina e da Tilde, era de visivel critica.

Elas não deixaram passar em julgado os miúdos triturados — Que tragédia! — nem as Pires ajudarem á missa. — Que nhi-nhi!

O que, porêm, mais lhes deu no gôto, e que foi sublinhado com risadinhas frouxas, foi o *bom bocado das Costas* e das Aguiares.

— Logo faço um brinde — dizia a Tilde — ao sr. de Andrada, pena de ouro das modernas gerações!

— Êle pode, julgar que o brinde é a caneta de tinta permanente — acrescentou a Gina.

Sem distinção de sexos, nem de lugares, foram tomando assento, nochão, á beira de duas alvas toalhas ligadas em comprimento, procurando cada um, por assim dizer, a sua parelha, tendo ficado: o Quico Vicente, junto da sua Micas; o Andrada, um pouco despeitado, tomou o lugar junto dêstes, dando a direita ao sr. Rebêlo.

(Continúa)

Quando ha fé verdadeira, quando a crença se radicou na nossa alma, comprehendemos bem, quando a morte tira uma alma deste degredo que é a vida material, ainda que seja no desabrochar dos annos, no explendor da mocidade, que a missão dessa alma na terra estava cumprida a que é a recompensa caridosa e justa que chega.

Henrique de Bettencourt, apezar de novo, em todo o explendor da sua mocidade fecunda de intelligencia e de genio, morreu, porque naturalmente a pena imposta pelo Destino estava cumprida.

Foi uma libertação justa, porque foi um bom.

São de saudade as pobres palavras que a amizade e a admiração nos impõe traçar, como derradeira homenagem ao talentoso artista, ao poeta delicado, ao amigo estremecido.

E' um preito de saudade e de justiça.

Que podemos porém dizer de Henrique de Bettencourt que ha largos annos não viamos e que mal suponhamos não tornar a ver!?

A sua vida foi curta, mas como um meteoro, na sua ephemera passagem deixou um rasto de luz brilhante.

Elle era um artista na verdadeira acepção desta palavra. A demonstra-lo estão os seus versos de uma claridade infinita, de uma belleza radiosa.

Poeta por natureza, as suas composições tinham a graça subtil dos enamorados cantos das avezinhas, em manhãs de primavera; a delicadeza dos perfumes orientaes, a sublimidade melancholica do luar em noites de janeiro.

Em cada verso vibrava a sua alma; era como que um dedilhar subtilissimo nas cordas de oiro da sua imaginação sonhadora e rica ou a reza acalmadora n'um rosario de esperanças bemditas.

A alma dos poetas é luz, é sonho, é esperança.

E' luz divina que indica ás outras almas o caminho estreito e doloroso que aporta á Belleza maxima.

E' sonho bemdito, que nos enebria, que nos aquece, que nos traz o esquecimento da dôr e da amargura.

E' hymno de esperança, a soar calmamente ao nosso espirito, como a dizer-nos, apontando-nos o Infinito: «é ali o derradeiro porto da felicidade eterna»

A Belleza ascende-nos para Deus. E' amplo e rico o escadorio que a Deus no conduz, depois de transposto o perystillo da Perfeição suprema: ladeia-o a luz sublime que rescende da alma dos Poetas, porque elles são a consagração do sofrimento, sem o qual a Perfeição se não consegue.

Henrique de Bettencourt, trilhou sempre a estrada dolorosa do sofrimento, cheio de ancias e indefiniveis desejos de ascender á portaria da perfeição divina, primeiro porto que conduz á vida eterna.

Os seus versos eram por vezes gritos de luz, arrancados a torturante anciedade de attingir a Belleza.

A sua vida não foi mais que um doloroso exilio, de que a morte augusta o veiu libertar.

A sua alma deve estar attingindo a realização da sua maior aspiração.

Não o choremos pois, porque é feliz. Façamos apenas como Elle; tenhamos na vida uma aspiração mais elevada que o vulgar, desejos mais nobres que aquelles que é mister para triumphar na vida material!

A seus estremosos pais, os nossos queridos e bons tios, que pranteiam a perda do filho querido, daqui lhes enviamos a expressão sincera do nosso pezar, acompanhando-os na sua immensa dôr.

22 de Novembro de 1919.

GASTÃO DE BETTENCOURT.

Novidade Literaria:

ANSIA DE GLORIA

Prosa de EURICO DE SENNA CARDOSO

Verso de EÇA D'ALENCAR.

A Sair Brevemente

Noivado

Como vão ledos e garbosos, rindo,
Aquelles noivos que se vão casar!
Ha tanta gente para os ver passar
Sentados juntos no seu coche lindo!

Vê que prazer, que bem estar infindo
Se espraia doce pelo seu olhar,
Emquanto o padre que os vae casar
Está p'ra sempre, suas mãos unindo!

Foi isto ha tanto... como tempo pássa!
Agora a neve da velhice touca
As suas frontes como nevoa baça:

—Faz annos hoje esse noivado lindo!—
E o noivo beija a nacarada bocca
Da mulhersinha que lhe está sorrindo.

Outono 1917

HENRIQUE DE BETTENCOURT

Recordações do passado

O passeiante curioso e observador que passar pelo parque de «Baldrucas», devido ao aprasivel do sitio, será tentado a entrar. Depois ao permanecer algum tempo sentado á sombra d'aquelles seculares zambugeiros, (na opinião de alguns entendidos, coevos dos visigodos) talvez continue o seu passeio para os lados de Aldeia de Irmãos. Se tal acontecer ha de reparar para uma casa de boa aparencia que lhe fica ao lado esquerdo perto dum chafariz.

A dita casa está dentro dum recinto gradeado, formando um terreiro rectangular contiguo ao rez-do-chão e á beira da estrada. Desse terreiro, por um estreito portão de ferro, entra-se numa escada de pedra que conduz a um alpendre sob o qual se olha a entrada principal do primeiro andar.

Esse alpendre, por sinal muito elegante, forma uma especie de púlpito quadrangular, e a pessoa que ali estiver com as costas voltadas para a porta vê na sua frente, formando resguardo ao patamar, uma grande pedra. Tem ela na face voltado para fóra a seguinte inscrição em belo portuguez:

«Em Hollanda me armei de caçadora»
«e, vogando por bosques dilatados»,
«cheguei, de varios climas vencedora»,
«á formosa dilicia d'estes prados,
«aonde, do fragante e bella Flora»
«docemente bemquista nos agrados»,
«faço, por circunstancias tão discreta»,
«ociosa juntamente algava e seta».

Quem lêr esta inscrição logo vê que ela não foi feita para aquele edificio de construção moderna, tanto pelo assunto, como pelo aspecto de antiguidade que revela. Vou dizer onde essa lápide primitivamente foi colocada e ensinar ao nosso passeiante curioso o caminho para lá ir, pois sei por experiencia própria o goso espiritual que sente, mesmo ante ruinas, todo aquele que se interessa por tudo que tem um cunho de antiguidade.

A pedra contendo a inscrição que acabo de transcrever achava-se sobre a porta principal da fachada leste do palácio do Perú, pelo lado interior e sob um milro onde havia uma grande estátua de madeira. Sobre a mesma porta, pelo lado exterior, havia outra inscrição que dizia:—

«Ego Antonius Cremer plantovi»,
«Apollo rigavit, sed Deus incrementum dedit».

De Vila Nogueira até ás ruinas do palácio do Perú devem ser pouco mais ou menos cinco kilómetros. Vale a pena fazer essa longa jornada porque a meio caminho, sem desviar um passo, encontra outro velho palácio com inscrições interessantes.

O curioso amador destas coisas, que eu fantasio, em Vila Nogueira monta-se num cavalo, ou num burro, e vai até um pouco alem de Aldeia de Irmãos. Deixa aí a estrada que segue para Cezimbra, e toma outra tambem a Macadam, que vê na sua frente. Pede ao arreeiro que o acompanhar que o leve direito ao palacio da Conceição.

Vai-se deleitando com o aspecto dos campos, que são lindos e muito arborisados, principalmente nas proximidades da ponte dos Canais, e d'ai a pouco acha-se defronte do palacio da Conceição.

Chegado lá apeia-se. Encontra-se sob uns ulmeiros antigos plantados defronte duma pequena escada com tres ou quatro degraus de pedra que dá acesso a um pequeno terreiro ladrilhado.

Logo em frente está a porta da capela e no terreiro vêem-se duas escadas de pedra, com dois lanços simétricos, aos lados direito e esquerdo de quem entra, dando acesso ás salas do primeiro andar. Em cada uma das paredes que servem de suporte ás escadas existe um quadro de azulejo representando um cão grande em attitude de defender a entrada do palácio.

Sobre a porta da capela lê-se a seguinte inscrição: — «D. O. M. Nec non/ intemerate conceptioni/ immaculate Virginis deiparae/ sacellum hoc/ D.nus Antonius Cremer/ Ordinis Christi eques/ rei archithelassicae/ unitarum Belgii regionum/ ab omnibus negotiis in Lusitania/ ut et/ uxor ejus carissime/ D.na Catharina Sophia Van Zeller/ erexerunt/ in devotionem tum propriam quam vicinorum/ praeterea edificarunt adjunctas aedes/ ad otium proprium/ ac/ quos Numen benigne concedat/ ad vitam quietam posterum/ quam ob rem hostum quoque hic plantorum/ ipsis kalendis meii CIↃIↃ CCXV/ quando pax publicaretus/ inter Lintanian et Hispaniam/ lapis fundamentalis positus est/ ac die VIII sptembris ejusdem anni/ prima cerimonie/ ibi religiosissime sunt habite/ Accipe Virgo tibi quas sacravimus aras/ nec espernas parvum Diva benigna donum».

No Archeologo Portuguez, numeros 1 e 2 de Janeiro e Fevereiro de 1897, o senhor Joaquim Rasteiro (pai) referindo-se a esta inscrição diz que em portuguez será assim: — «D. Antonio Cremer, cavalleiro da Ordem de Christo, almirante dos Paises-Baixos, encarregado geral dos negocios de Portugal, e sua mulher muito querida, D. Catharina Sophia Van Zeller, tanto para satisfazerem a propria devoção como a dos visinhos levantaram este pequeno templo a Deus bom e grande e á pura conceição da immaculada Virgem Mãe de Deus. Edificaram mais as casas juntas para seu repouso e plantaram o jardim. Oxalá que os seus descendentes possam gozar tudo em descanso. A pedra fundamental foi lançada no primeiro dia de maio de 1715 depois da publicação do tratado de paz entre Portugal e Hespanha e no 8 de setembro do mesmo anno tiveram lugar na capella os primeiros officios religiosos. Acceita, ó Virgem, estes altares, que te consagramos e não desprezes, Deusa benigna, a pequena dadiva».

O visitante, depois de observar estas coisas com atenção, vai ver a fachada do palacio que deita para o poente. Essa fachada não tem nada de notavel, porem do largo terreiro contiguo á senhoril edificação parte uma ampla escadaria em patamares, hoje em ruinas, que conduzia ao jardim que ficava lá muito em baixo.

O nosso excursionista volta ao sitio onde deixou o cavalo, torna a montar, e pede ao arreiro que o leve ao Perú.

Desce até a vazea e atravessa-a passando sobre a ponte da Prata.

Encontra depois terreno muito arenoso. Sobe uma encosta perto do Zambujo, onde ha uma casa antiga com um grande terraço á frente voltada para este, e começa a descobrir terreno mais ou menos coberto de pinhal. D'ai a pouco, para os lados de noroeste, avista umas edificações lá ao longe sobre o planalto dum vasto outeiro.

O guia diz-lhe que ali é o Perú.

Fica fora do Limite de Azeitão pertencendo á freguezia do Castelo de Cezimbra, mas está tão proximo do Limite que parece dele fazer parte.

O panorama que de lá se disfruta é muito interessante para os lados do Sul e Nascente. Avistam-se todas as aldeias de Azeitão. A ilusão produzida pela distancia faz parecer cada povoação perfeitamente cercada de arvoredo.

O visitante entrega o cavalo aos cuidados do arreeiro e vai vêr o que por ali ha.

Actualmente só encontra ruinas na parte onde era o palácio, e por consequencia onde estava a lápide que hoje serve de ornato ao alpendre da casa que está ao lado da ponte de Oleiros.

Atendendo ao que diz a inscrição que estava pelo lado exterior sobre a porta principal desse palacio: «Ego Antonius Cremer plantovi, Apollo rigovit, sed Deus incrementum dedit», e confrontando estes dizeres com a tradução de que se acha escrito em latim na lápide da capela da Conceição, fica compreendendo que D. Antonio Cremer, cavaleiro da Ordem de Cristo, almirante dos Paizes-Baixos, encarregado geral dos negocios de Portugal, casado com D. Catharina Sophia Van Zeler, mandou fazer o palácio da Conceição, tendo começado as obras em Maio de 1715, e tambem edificou o palácio do Perú, ignorando eu qual deles foi construido primeiro.

Observando bem as ruinas do Perú vê-se que houve ali um edificio de certa opulencia rodeado por vastos e planos recintos tendo acesso por portões monumentais degrossa e trabalhada cantaria.

Durante muitos anos a propriedade, incluindo edificações e terrenos, que são vastos, pertenceu a um alemão que foi negociante de vinhos em Lisboa. Mais tarde foi tudo vendido a diferentes pessoas. A parte sobre que assentava o palácio coube a um individuo que vendeu quanta pedra, telha e cantaria poude arrancar. Porem outras edificações anexas couberam a outro dono que delas fez uma habitação muito confortavel, adega, celeiros etc. E' isso que hoje resta, muito modificado, de todas as grandezas passadas do Perú.

Antonio Cremer era opulento. Foi o possuidor do Perú, da Conceição e talvez do Zambujo, que fica entre as duas propriedades. Esse conjunto formava um grande dominio.

Tanta riqueza devia trazer comsigo muito luxo.

Assim como Valmoy assentado sobre o tronco duma coluna nas ruinas de Palmyra evocava as grandezas dessa cidade rememorando a actividade, o luxo e opulencia que na antiguidade ali tinham reinado, e lamentava a substituição de tanta arte, tanta alegria, tanta industria por um montão de escombros. Assim tambem o nosso visitante assentado sobre um tosco pedra tado, como Valmoy, o cotovelo apoiado sobre o joelho e a cabeça encostada á mão, faz-se de conversa com o Passado, sempre tão palrador para quem sabe entende-lo. Numa especie de visão cinematografica aparecerão os personagens e o aparato que povoavam as casas fidalgas no começo do seculo desoito. Entre o numeroso séquito dos criados viam-se os farçolas dirigindo galanteios ás damas; os senhores mais idosos nos seus trajes de caça montavam belos cavalos e iam folgar pela charneca; as matronas roliças, com os livros de orações no regaço, á sombra conversavam com o capelão, á noite, nas salas profusamente iluminadas com belos candieiros de azeite, os senhores com as suas cabeleiras e os seus punhos de rendas jogavam; as damas jovens faziam trocadilhos d'amor e as edosas, como capelão, recordavam as ricas festividades de Lisboa. Combinavam-se caçadas, passeios, visitas, mandavam-se preparar os churriões para o dia seguinte e transmitiam-se ordens para dar muito de comer aos pobres!

A pedra, por ser dura, não era ausente que se prestasse a mais longa meditação; o visitante poz-se em pé. O Passado aonde lhe disse: — «No segundo quartel do seculo XVIII esteve em Azeitão um Juiz de Fora, chamado Agostinho Machado de Paria, que la repetidas vezes passar as noites no Palacio da Conceição com os fidalgos que lá estavam e regressava a Vila Nogueira muito tarde.

Nas proximidades dos Canais ainda existem olmos mandados plantar por ele, e na Azinhaga da Tenda tambem havia alguns que ha poucos anos foram cortados».

Dito isto o Passado fugiu. Ficou a triste realidade: Ruinas, desolação, uma profunda saudade do que desapareceu!

Outubro de 1919.

José F. Vimas.

Brevemente

Uma aventura

E' este o titulo do romance humoristico que «O Azeitonense» vae publicar, devido á pena brilhante do nosso valioso coloborador

A. Victor Machado

que sempre disposto a auxiliar-nos com o seu esforço, nos concede o prazer de anunciarmos aos nossos prezados leitores que

BREVEMENTE

lhe daremos em folhetins

Uma aventura

Em Setubal

Festa em honra do Bemaventurado Nuno Alvares Pereira (o Santo Condestavel), promovida pela Juventude Catolica de Setubal, na igreja de S. Sebastião.

Domingo 30 de novembro, ás 8 horas da manhã, missa rezada, acompanhada a orgão, canticos, pratica pelo rev. Assistente Eclesiastico, e comunhão geral; á 1 hora da tarde, missa solene, com exposição do S. S. Sacramento e sermão; Solene *Te-Deum* e benção da *Eucharistia*.

Em seguida á missa rezada será distribuido um bodo aos pobres protegidos da Conferencia de S. Vicente de Paula, nas freguezias de S. Sebastião e da Annunciada.

A Juventude Catholica faz a sua comunhão mensal nesta igreja.

A parte musical será desempenhada pelo *Orpheon* das senhoras de S. Sebastião.

O panegirico do Santo Condestavel está confiado ao eloquente orador sagrado rev.º João Adelino Monteiro Vacondeus.

Festividade de Nossa Senhora da Conceição na sua capela das Portas d'Ervaa, em Setubal.

Dia 7 de dezembro, ás 16,30 horas, Matinas solenes por instrumental e vozes.

Dia 8, ás 13 horas, Missa solene com exposição do S. S. e sermão pelo rev.º padre Boaventura de Sousa Crespo. A's 19 horas, Conclusão, *Te-Deum* e benção do Santissimo.

De 9 a 15, ás 18 horas, Oitavario cantado por senhoras.

Em todos os dias da novena e oitavario haverá missa, ás 8,30 horas.

Por especial e obsequiosa deferencia do distinto grupo musical, serão executadas durante a novena e nas Matinas as partituras proprias, primorosas composições sacras do falecido e apreciado maestro setubalense Antonio Nascimento e Oliveira.

Cronicas

No Campo da verdade

Fui-me ontem, domingo sob um sol suavemente quente e acariciadôr até ao campo sagrado dos Prasêres, ali ao cima da Estrela, ultima Morada dos que moirejaram na vida e dos que nela gosaram quanto se pode gosar.

Não descança ali, nêsse cemiterio claro e alegre, nenhuma pessôa querida ao meu coração; nenhum amigo, nenhum ente de familia.

Cemiterio alêgre! Não é isto uma extranha ironia ?!...

Não! O cemiterio dos Prasêres, com as suas alamêdas largas e floridas, os seus jazigos alvejando como brancas casinhas da Beira é, — nos dias como o de ontem, em que sôbre êle se estende o Manto azulino do ceu e o sol dardejando os seus fortes raios tinge de purpura e oiro a cupula dos jazigos e as cruzes dos caminhos, — não um campo de Morte, mas sim um campo de vida, não um sitio de desventura, mas sim um lugar de felicidade.

Consola a lembraça de ir para ali descançar, dormir para sempre, livre dos artificios da vida e das mentiras do mundo.

Quem me dera dormir nos Prasêres! — pensei eu ontem — e não sou, contudo, um vencido da Vida.

E' que ao entrar nêsse campo sagrado, eu instictivamente abandonei todas as vaidades, todas as ambições, e o meu espirito desprendêu-se do involucro material e elevou-se até junto das almas daquêles cujos corpos jaziam ali, nas frias sepulturas. E, magico encanto, não me julguei junto de mortos, mas senti-me entre simples irmãos.

Em toda a minha vida entrára, até ontem, num cemiterio, apênas quatro vêses. Duas vêses por doloroso dever de familia, outras duas por penôso devêr de amigo.

Todas as quatro porém fôram ao alto de S. João.

Ao campo sagrado dos Prasêres, fui ontem pela primeira vez impulsionado por um desêjo que ha muito vinha alimentado sem que, todavia, me fôsse dado, até ontem satisfazêl-o: o de visitar, ali, o tumulo dessa veneranda velhice que foi em vida o primeiro Presidente da Republica de Portugal, o prestigidióso estadista, o velho republicano, o Artista, o fidalgo, o Poeta, Dr. Manuel de Arriaga.

* * *

Foi ha pouco mais de dois anos que os jornaes trouxeram ao publico de Lisbôa a dolorosa noticia do falecimento do venerando Presidente.

Fui assistir á passagem do seu cortejo funebre. A impressão então recebida, jamais olvidarei, e lembrar-me-hei sempre do aparato bélico das tropas formadas ao longo das ruas por onde passou o cortejo, a interminavel fila de carruagens, as fardas rebrilhantes dos ministros e embaixadôres, recamadas d'oiro, o grande carro funerario que conduzia as corôas e mais atraz, quasi no couce do cortejo, o armão conduzindo a urna funeraria. Esta ia coberta com a sagrada bandeira da Patria e ladeada por um contigente de bombeiros voluntarios.

A' sua passagem todo o povo se descobria respeitosamente, saudosamente ante a dupla presença do venerando morto e da bandeira da Patria, o glorioso simbolo que o cobria.

Relusem ao sol as fardas dos militares, as dragônas d'oiro e as laminas das espadas. Os cavalos relincham de impaciencia, vibram toques de clarins emquanto salva a artilharia a urna que encerra o côrpo do que foi o primeiro Chefe do Estado da Republica em Portugal baixa ao jazigo raso, ante milhares de pessôas que de olhos marejados de lagrimas, os corações opressos, lhe prestam a derradeira homenagem.

. . . . . .

Lá fui visitar a sepultura da veneranda velhice.

Mãos carinhosas trazem cuidadosamente tratadas as plantas de dois vasos de loiça que ladeiam a sepultura. E na lage tumular lá está, gravada em letras d'oiro a sua quadra.

«Astros sem fim, oh sois que estaes por cima,
Longe da terra, em região mais pura!
Deixae que o côrpo dêsça á sepultura
E a vós se eleve o espirito que o anima.

extraída de seu livro «Cantos Sagrados» e que ele determinou adornasse a sua derradeira morada.

E no ritmo, e na essencia dessa suplica, que Ele, o Poeta, dirige aos astros, se manifesta bem acentuado o seu desêjo de repousar tranquilo, longe das vaidades dos homens e das ambições do mundo.

Ante o tumulo raso da veneranda velhice eu desejei ficar, ali, naquêle cemiterio alegre, silencióso, inundado de Sol, a dormir o ultimo sono, êsse sôno que não poderá ser perturbado, nem mêsmo por um beijo de mulher.

24|11|919.

SENNA CARDOSO.

Paisagem Campesina

Nos ramos cantam as aves
e no ceu o sol fulgura...

Tudo é lindo, tudo é festa,
Tudo cantos, harmonia;
Só minh'alma entristecida
Chora sempre, noite e dia!

Nos ramos cantam as aves,
e no ceu o sol fulgura...

Caminha ao longe o pastor...
Ouve-se o canto das rôlas,
E bailam com fanguêdes,
Por entre o trigo, as papoulas...

Nos ramos cantam as aves
E no ceu o sol fulgura...

Na enxada, de cavada ao hombro,
Vae alegre um cavador...
E ranchos de raparigas
Entoam canções d'amor.

Nos ramos cantam as aves
Nos longes o sol declina...

Tôca o sino «Ave-Marias»
Descobrem-se os camponezes...
— «Deus no ceu seja louvado,
E nos livre de revezes!» —

Nos campos cantam as aves
Nos longes o sol declina...

Do casal sae negro fumo,
A' porta grita um pelo...
E as «velhas» bailando
Vão em busca dos rebôs...

Nos ramos cantam as aves,
Nos longes o sol declina...

Parece que tudo é vago
P'ra alma que se consome,
Ao longe latem os cães,
Emquanto que a tarde dorme!

Nos ramos cantam as aves
E no ceo a lua brilha...

Tudo é vago como a sombra,
Tudo é doce melancholia!
E minha alma entristecida
Chora sempre, noite e dia!

Nos ramos as aves dormem,
E no ceo vae alta a lua...

GASTÃO DE BETTENCOURT.

Depurativo Dias Amado

Cuidado muito cuidado!

Nada ha mais triste do que um desgraçado doente, muitas vezes, além de gastar o que não póde, fazer um tratamento errado por na sua boa fé ser iludido por qualquer habilidoso que só o deseja explorar.

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos que por esta circumstancia são verdadeiramente desumanos. O verdadeiro especifico d'este nome, *o unico que está registado em todos os paizes da Convenção Internacional de Marcas, é preparação de Antonio Dias Amado*, que radicalmente cura a *sifilis, as doenças do utero e ovarios, as chagas, varizes, lepra, tuberculose ossea, reumatismo, ulceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doença nos olhos e demais causadas pela impuzeza do sangue.*

Deposito geral—Casa do autor—Farmacia Luso-Brazileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho)—LISBOA.—Telef. 1662.

Porto—Farmacia Almeida Cunha á rua Formosa, 327.

Chronica elegante

Vilegiaturas

De Casa Branca, onde se encontrava ha tempo a tratar da sua saude, regressou á sua casa de Lisboa o nosso amigo e assinante sr. José Ferreira Varela.

— Partiu para a sua terra natal, onde vai passar alguns dias o nosso amigo e assinante sr. Joaquim da Silva Machado, socio da perfumaria Flôr de Lis.

— Esteve aqui ha dias, de passagem, o nosso assinante de Cezimbra, sr. José Paschoal.

— Chegou ha dias a esposa do nosso dedicado amigo sr. Ignacio Augusto Basto Cruz.

Doentes

Ha dias que se encontra enfermo o sr. Duque de Palmella. Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

— Encontra-se quasi restabelecido da grave doença que o tem feito sofrer bastante, o nosso amigo Henrique Augusto Pereira. O seu completo restabelecimento é o que lhe desejamos.

— Acha-se melhor o nosso amigo José Faria de Bettencourt.

— Tambem se encontra um pouco melhor o nosso presado assinante sr. Julio Ferreira Alves.

Um pedido galante

«O' menina Izabelinha
que mora no rez-do-chão...
Não me dá essa rosinha
que ainda está em botão?»

«Eu, dou, sim; mas diga lá
P'ra que é que o senhor a quer?
«Não vês que é p'ra colocar
Aqui na «boutonnière?»

«Quem o fez tão elegante?»
«Eu t'o digo, olhos brejeiros:
Foram as TESOURAS D'OURO
Lá da RUA DOS FANQUEIROS

Fatos da moda

Baratissimos!!!

A 19$50 fatos chics de magnificas fazendas.
A 5$250 calças de fazendas proprias e bonitas.
A 15$00 sobretudos da moda.
Enorme sortimento de sobretudos, samarras, capas á alentejana e sobretudos para rapazes.
Elegancia de côrte, acabamento perfeitissimo e forros superiores.

A's Ex.mas Damas

Ultima moda em Cossacos e Vestidos, e a exposição lindos modelos.
Eximio «tailleur» para senhoras.

Preços baratissimos

Aceitam-se encommendas a feitio.

Tesouras de Ouro

Rua dos Fanqueiros, 263 a 267, loja e 1.º andar (primeiro quarteirão vindo da Praça)
Succursal na Figueira da Foz
Rua Candido dos Reis, 59 a 63 (BAIRRO NOVO)

Alfredo V. Rosa

Definindo

Versos são tristes lamentos
D'almas melancrolisadas,
Gôttas d'agua derramadas
Na Vida, mar de tormentos.

Poetas, reis de magia
Em sonhos cristalisados,
Que vivem sempre embalados
Nas azas da phantasia.

Pranto é rocio matutino
Para abrandar qualquer mágua,
E' á Dôr desfeita em agua
Por sublime dom divino.

Paixões, loucuras sem rumo,
Algôzes do pensamento,
Que ao menor sôpro de vento
Lá se esvaem como o fumo!...

Beijos são espaços lindos
N'uma senda torturosa,
Desabrochar d'uma rosa
Que nos dá gôzos infindos.

Por fim a morte é um bem
A que aspira toda a gente,
Na morte nada se sente
E só misterios contem.

IGNOCTUS.

Secção Teatral

Devido talvez á criminosa abstenção de alguns dos nossos auctores dramaticos em produzir obra de geito, desde algum tempo que nos nossos teatros só apparecem traduções e adaptações de peças extrangeiras, sendo as literaturas, inglêsa, alemã e hespanhola as mais exploradas, pondo-se de parte n'um indiferentismo absoluto a portugueza. De quem será a culpa? Das emprezas teatraes? Dos auctores ou ainda dos artistas?!... Não, infelizmente é do publico, d'esse juiz imparcial de outros tempos e que hoje tudo aplaude, bom ou mau, sem a minima parcela de culto pela arte.

Pobre teatro portuguez!

Teatro Avenida

O Pae Simão

Em «reprise», abrindo a epoca de inverno, subiu á scena n'este teatro a comedia hespanhola em 3 actos e 4 quadros, «O Pae Simão», adaptação de Felix Bermudes, João Bastos e Ernesto Rodrigues.

Quem se recorda, como eu, das engraçadas comedias do antigo repertorio do Gimnasio, no tempo dos saudosos actores Vale, Telmo e Cardoso, fica sem saber se «O Pae Simão» se deverá chamar «comedia», ou antes o que nós em «calão» teatral apelidamos de «bexigada».

Emfim, vê-se, e sobretudo representa-se, o que é o essencial para os seus auctores, que... diga-se de passagem, na sua enorme bagagem de producções, tem algumas de incontestavel merecimento.

Passemos ao desempenho.

No papel de «Pépe», Estevam Amarante em nada desmente o seu valôr artistico, apresentando-o com inexcedivel graça e naturalidade, apresentando-se bem caracterisado.

Luiza Satanela, substituindo Irene Gomes, no papel de «Luiza», embora este se não preste a dar relevo ao seu trabalho, a meu vêr vae melhor e dá-lhe mais vida do que Irene Gomes lhe dava.

Na «D. Carmen», Maria Santos, revela-se como sempre estudiosa, intepretando bem os papeis que lhe são confiados; José Victor nas suas duas rabulas faz o que póde; Vasco de Sant'Ana, a quem distribuiram um dos principaes papeis da peça, «Paquito», não indo mal... poderia ir muito melhor se quizesse, e por ultimo, substituindo o apreciado actor Roldão, no «Carneiro», Luiz Bravo mostra claramente que se não sente com muita vocação para ser surdo...

Ha ainda um artista que eu tenho que mencionar. E' Abilio Batista, que na sua pequena rabula «Dr. Simão», feita primeiramente pelo actor Gomes, se apresenta excelentemente caracterisado e correcto.

Dos restantes artistas, só poderei dizer que... fazem o que pódem, visto a peça bem pouco lhes dar que fazer.

GENTE DE TEATRO

Uma «tournée» artistica

Partiu no dia 23 para as provincias, seguindo depois para as ilhas, onde tenciona demorar-se algum tempo, uma bem organisada companhia de opereta portugueza, sob a direção do actor Eduardo Raposo.

Do seu vasto repertorio fazem parte as operas cómicas: «O Burro do Sar, Alcalde» e «O Solar dos barrigas», originaes dos falecidos e nunca esquecidos dramaturgos D. João da Camara e Gervasio Lobato, e a opereta «Aos pés da Cruz», original de A. Victor Machado e Adriano Mendonça.

A. VICTOR MACHADO.

Cartaz da semana

Nacional—A's 21—«O Cardeal».
S. Luiz—A's 20,30—«O pé de meia».
Trindade—A's 21—«A Exilada».
Gimnasio—A's 21,30—A peça policial «A cadeira n.º 13».
Avenida—A's 21,15—«O Pae Simão».
Apolo—A's 21—A peça de viagens «20 milhões».
Eden-Teatro—A's 20—Despedida da revista «Aqui d'El-Rei»—A's 22—A opereta «Princeza dos Dollares».
Politeama—A's 21—«Adeus Mocidade».
Colyseu dos Recreios—A's 21—Companhia equestre, acrobatica, gimnastica e comica.
Salão Foz—Calçada da Gloria—Films, concertos e variedades.

Animatografos e variedades

Chiado Terrasse—(R. Antonio Maria Cardoso).
Salão da Triadade—*Films* e concertos.
Olimpia—(Rua dos Condes).
Salão Central—Praça dos Restauradores.
Cinema Condes—(Avenida da Liberdade).

GAMA

Antiga Casa MANAÇAS

Grande variedades de bilhetes e fracções para todas as

LOTERIAS

Cautelas de todos os combistas. Atende prontamente **todos os pedidos da provincia, ilhas e Africa.**

Fornece para revender nas melhores condições. Pelo correio mais $10 para registo.

SEMPRE SORTES GRANDES!...

TELEFONE: Central 1020

Rua do Amparo, 49 — **LISBOA**

Pedidos a F. SILVA GAMA

12 - Folhetim do Azeitonense - 30 de Novembro de 1919

M. Cardoso Martins

Mulheres notáveis de Portugal

X

Infanta Dona Maria

Não se póde dizer que fôsse feliz Dona Maria na sua vida afectiva. Perdeu seu pai no próprio ano em que, no paço da Alcáçova Velha de Lisbôa, veio ao mundo (1521); de tenra idade foi separada da assistência de sua mãi, que razões de estado levaram a desenviuvar-se com Francisco 1.º de França; e finalmente, um tanto por sua má estrela, um tanto por culpa do rei seu meio-irmão, que não sentia por ela grande afecto [1], e na sua avareza não queira deixar sair do país o dote avultado da infanta (de resto bem difícil de liquidar), ficou ela toda a vida solteira [1]. O seu espírito penetrante e cheio de curiosidade procurou nos exercícios da inteligência um refúgio e uma consolação compensadora. A casa da infanta, que a tinha própria e numerosamente servida nos paços de Santa Clara desde os 16 anos, tornou-se uma verdadeira academia, que manteve a tradição das cartas de amor medievais. «Foi mui studiosa das letras, escreve Nunes de Lião, & fez na lingua Latina e outras grãde progresso, com que gastaua o tempo em ler liuros; para o que tinha em sua casa muitas Donzellas doctas em muitas artes com as quaes communicaua seus estudos; cuja casa era hu domicilio das Musas & hua schola de virtude & honestidade em a qual se achaua quem reuoluia liuros, quê tocaua muitos instrumentos musicos de diuersas maneiras, & que pintaua & fazia outros officios que saõ naturaes das molheres em grande perfeiçaõ». [1]

Quando ela recebeu o cardial Alexandrino, legado do Pontífice, trajava «um vestido afogado de velludo preto com orla de ouro e botões de ouro no collarinho, coifa de rêde de ouro na cabeça, e uma corôa no braço, de rubis e diamantes, que avaliava em trezentos mil cruzados». [2]

«Esperava em pé pelo Legado, n'um aposento forrado de panno de Flandres de seda e ouro, debaixo de um docel de brocado. Ajoelhou ao entrar de sua Excellentissima e levantando-se veiu recebel-o á porta do quarto. Depois assentou-se no chão, debaixo do docel, e o Legado defronte d'ella, n'uma cadeira de velludo carmezim franjada d'ouro. Estavam presentes quatro matronas, quatro damas e trez «donzellas não menos honestas que formosas e semelhantes ás trez graças», duas vestidas de veludo preto, e a do meio de damasco branco, e todas cobertas de joias, tanto no pescoço como nas mangas, com coifas de fio d'ouro, que lhe chegavam só a meia cabeça, e os cabellos bem assentados na frente, algum tanto crespos, mas não entrançados». [1]

Seria alguma dessas Paula Vicente, ilustre filha d mestre Gil fazedor de «aitos», tanedora da infanta e, quem sabe, grande auxiliar de seu pai na urdidura e confecção de suas peças? Seriam as humanistas Joana Vaz, Pública Hortensia de Castro?

[1] Talvez porque a presença da infanta lhe exacerbava o acúleo dum velho ciume: a mãe dela, a rainha D. Leonor, viera a Portugal com destino a êle Dom João, então príncipe herdeiro, e foi seu pai quem, apaixonado pela noiva do filho, se casou com ela. Reprodução certa dum episódio incerto da antiguidade; e Camões, dando vida a êsse episódio no *Auto de El-Rei Seleuco*, parece ter feito ao caso uma alusão indirecta, mas nem por isso menos certeira.

[1] Esteve para casar oito vezes, sendo a 1.ª aos 12 annos com o Delphim de França; depois com o duque de Orleans, com o arquiduque Maximiliano de Hungria, mais tarde imperador da Alemanha, e outros ainda. Por fim — tinha já 37 anos — com Filipe 2.º de Espanha, recem-viuvo da rainha Maria de Inglaterra.

[1] *Descripção do Reino de Portugal*, Lisboa 1610, fol. 151 v.

[2] Castilho, que meteu a figura da infanta no seu drama *Camões*, descreve-se segundo esta informação.

[1] Cft. pelo Conde de Sabugosa in *Donas de tempos idos*, 2.ª ed. Lisboa, s/ d. (1919), pag. 134-135.

(*Continúa*)

Caçada

A convite do sr. Duque de Palmella, foram, no dia 22 do corrente, caçar na bela propriedade de Calhariz, 40 caçadores que mataram 205 coelhos, 2 galinholas e 2 perdizes, que foram oferecidas ao sr. Conde da Povoa, em vista de seu pae se achar doente de cama o que a todos muito penalizou.

O sr. Conde foi de uma amabilidade extrema para com os caçadores, mandando distribuir por elles toda a caça.

E' digno dos maiores elogios o nosso amigo Joaquim de Oliveira pela bonita volta á propriedade, que é enorme, e direcção da caçada, embora parte dos caçadores não lhe tivessem seguido os passos.

Roubalheira!

Nestes ultimos dias tem havido grandes roubalheiras de bolotas de sobro e azeitonas, não se podendo regatear elogios aos guardas n.ºs 10 e 11 aqui destacados, pela maneira que teem providenciado, a fim de vêr se conseguem dar caça aos *ilustres* rapinantes.

Lembramos a estes guardas a conveniencia de ás quinta-feiras, dia de descanço semanal, vigiarem os estabelecimentos a fim de ser cumprida a lei, pois que emquanto uns estão fechados, outros ha que fazem bom negocio com grave prejuizo dos outros.

A lei é lei e por isso cumpra-se com ella.

MOBILIA DA Mobiladora Economica

J. Nunes, Venancio L.da

Mobilia de casa de jantar, secretarias, quartos, salas, camas, toilettes comodas, cadeiras e todos os adornos que dizem respeito a estes artigos

250, Rua da Palma, 250-LISBOA

Tipografia Henrique Torres

Executam-se trabalhos tipograficos em todos os generos com a Maxima perfeição e rapidez

Telefone N.º 2221

Rua da S. Bento, 279

Lisboa

Antonio Ferreira da Silva

CASA MISTA

EM ALDEIA DE IRMÃOS-AZEITÃO

Mercearia, Fazendas, Ferragens, Perfumarias e Drogas

Calçado de todas as qualidades e fato feito

Sulfato de cobre. Enxofre.

Artigos de papelaria, Cereais

Legumes e Padaria

PREÇOS LIMITADOS

Ex-Barraca de Pau

DE

Antonio Adriano Valido

AZEITÃO

A' entrada da villa

Generos de mercearia de primeira qualidade e diversos artigos. Especialidade em CAVACAS *de Azeitão e delicioso vinho Moscatel.*

Depósito de garrafas e refrigerantes.

PREÇOS RESUMIDOS

Niquilagem e Pratear Por preço relativamente baratos, tornam-se objectos de metal, já usados como novos, mandando-os pratear ou niquilar

Encarrega-se destes trabalhos:

LOBATO, LIMITADA

232, Rua da Palma, 234

Casa de Louças e Vidros.

Nacionaes e Estrangeiros

Lisboa Telefone C. 234

FARMACIA BRAZIL Telefone 1035-Norte

7, Praça do Brazil, 8-LISBOA

Consultas médicas diária

Análises de urinas e outras

Empolas, sôros, pensos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

Productos próprios preparados com todos os requisitos de asépsia e higiene

Jose Maria da Fonseca

SUCCESSORES

Largo do Corpo Santo, 6, 2.º

LISBOA

Armazens: AZEITÃO

Telefone n.º 2 TELEFONE

End. Teleg. SOCIO

Vinho Moscatel de Setubal

Vinho Moscatel de Setubal Roxo

Vinho Palmela Superior

Cognac Moscatel

Vinho Moscatel de Setubal Super.

Moscatel Velho (de torna viagem)

Moscatel de Setubal (novo)

Aguardente Moscatel

JOALHERIA E OURIVESARIA

DE

Annibal Tavares

ENORME SORTIDO EM PRATAS ARTISTICAS, OURO, BRILHANTES, PEROLAS POR PREÇOS SEM COMPETENCIA

Não compren sem visitar esta casa

Telefone 5197 C.

97 Rua da Prata 97

LISBOA

Centro Comercial do Bairro Novo

DE

Alda Pereira da Silva

36 a 42 — Avenida da Republica — 36 a 42

ALGÉS

Generos de mercearia de 1.ª qualidade — Vinhos tintos, brancos e abafados — Aguardente e vinho Moscatel de Setubal — Vinho do Porto, Cellares e Carcavelos — Carnes de porco fresca, pumadas e salgada — Manteigas — Queijos e bolachas — Azeite extra — Sementes, cereaes legumes — Carvão e artigos de vasoureiro — Louças finas, ordinarias e vidros

Padaria

Especialidade em vinhos de pasto, recebidos directamente da lavra da proprietaria d'este estabelecimento. Tabacos nacionaes e estrangeiros.

Este estabelecimento é o mais antigo do bairro

Theodoro dos Santos Reis e Silva

Sucessor de Gaspar dos Reis e Silva

Casa Fundada em 1827

Concerta leques e põe panos de todas as qualidades. Concerta bonecas, louça e objectos de cristal, marfim, tartaruga, madreperola, celuloide e outras bijouterias

Restauração de Louças antigas

84 RUA SERPA PINTO-74 (ao CHIADO)

Ignacio Augusto Basto Cruz

Rua Direita-Azeitão

Armazem de generos de mercearia, cereais, legumes, azeites, vinhos engarrafados, genebra, garrafões, vidro em chapa, tintas, ferragens nacionais e estrangeiras, folha de Flandres, chumbo, estanho, etc. Depósito de tabacos.

MOAGEM DE CEREAIS

QUINTA VELHA

AZEITÃO

Móe de conta alheia pelos preços da lei:

Trigo, Milho e Centeio.

Farina ou tritura outros cereais por ajuste especial.

76 Rua Nova do Almada 78

LISBOA

Manuel Pedro da Silva, L.da

Guarda-chuvas e sombrinhas

Sempre Novidades

Bengalas da moda

Pentes e travessões

Ganchos com finas pedas

Leques de fantasia

Pharmacia Moderna 18, Rua Garcia da Orta, 24 (Antiga Rua da Sociedade Literaria) LISBOA

Especialidades Pharmaceuticas Telephone Cent. 3228

Nacionaes e Estrangeiras

Aviamento completo e permanente de todo o receituario com substancias de 1.ª qualid.

Aguas medicinaes, productos hypodermicos em empolas esterilisadas, algodões, gazes e outros productos asepticos, baldes d'oxygenio, ovulos medicinaes, suppositorios de glycerina sobrefinada, sôros artificiaes, etc., etc.

Analises clinicas, chimicas, bacteriologicas e microscopicas de Urinas, Expectorações, Pus, Sangue, Generos alimenticios, Aguas, Adubos, etc., etc.